

*secreto da Sublime Porta residente na Corte do Rio de Janeiro*, de Antônio Manuel Correia da Câmara, serviçal do governo, aventureiro recompensado com funções diplomáticas em que se caracterizou pelos desatinos cometidos. A 1º de abril, começava a circular, em Belém, *O Paraense*, uma ou duas vezes por semana, impresso na oficina que Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente adquirira no exterior, de sociedade com Domingos Simões da Cunha e Batista Camecran, antes José Batista da Silva, despachara para a província e viera encontrar a serviço dos dominadores portugueses. Patroni não teve meias medidas: expulsou os responsáveis por tal orientação e iniciou a folha com outra, a sua: não levantava o problema da separação do Brasil, mas colocava o problema da liberdade em termos tais que Raiol menciona que “a sua linguagem aterrou os dominadores da província, que desde logo empregaram todos os meios para fazê-lo emudecer”.

Patroni colocava a liberdade acima da Independência, pois, e os meios para liquidá-lo não seriam mansos, imprimia o jornal em esconderijo, compondo-o à noite, com o auxílio de Antônio Dias Ferreira Portugal. Preso a 25 de maio e embarcado para a metrópole, passou a missão ao cônego João Batista Gonçalves Campos, outra extraordinária figura de agitador e patriota. Batista Campos começou por colocar o problema da separação e por atacar as autoridades locais. Em agosto, sofreu atentado que não o impediu de prosseguir na luta; a 18 de setembro — depois da Independência — foi preso, solto, preso outra vez, em novembro, pelo crime de ter publicado o manifesto de D. Pedro datado de 1º de agosto. Posto novamente em liberdade, refugiou-se no interior, para escapar à fúria dos dominadores da província, deixando o jornal com outro cônego, Silvestre Antônio Pereira da Serra, em cujas mãos, em fevereiro de 1823, veio a perecer a folha. A reação chegara ao auge, na perseguição aos que apoiavam a Independência e tinham ligações com o governo do Rio de Janeiro. Os que pensam ter sido pacífico, fácil e manso o processo da Independência podem verificar, por casos como o do Pará, quais as suas verdadeiras dimensões. Na província realmente, os dois problemas, o da liberdade e o da Independência, fundiram-se, não foi possível separá-los: daí a Cabanagem. As oficinas de *O Paraense* passaram a imprimir *O Luso-Brasileiro*, sob a responsabilidade de José Ribeiro Guimarães, e a serviço dos dominadores locais, contrários à Independência. Quando, finalmente, a província foi integrada no Império, pela adesão à Independência, a oficina passou a imprimir *O Independente*.

A 9 de abril de 1822, no Recife, Cipriano José Barata de Almeida iniciava a sua curiosa série de *Sentinelas*. Era a primeira a *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco*, que circulou até 16 de novembro.